Complexo de Édipo: uma introdução

Ana Carolina Gontijo[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo traçar a trajetória da elaboração do complexo de Édipo na obra de Freud, desde suas primeiras formulações nas cartas a Fliess até a sistematização do conceito em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). O trabalho está dividido em duas partes: a primeira percorre o desenvolvimento do conceito ao longo da obra de Freud, evidenciando como a observação clínica, a análise de seus próprios sonhos e a tragédia grega *Édipo Rei* o levaram a postular a universalidade dos desejos edípicos e dos impulsos incestuosos e parricidas presentes em todo ser humano; a segunda aborda a descoberta infantil da diferença anatômica entre os sexos e as particularidades da instalação e do declínio do complexo de Édipo nos meninos e nas meninas.

Palavras-chave: Complexo de Édipo, Freud, desenvolvimento psicossexual.

Introdução

O complexo de Édipo é um dos conceitos fundamentais na psicanálise. Sua concepção pode ser encontrada nas cartas que Freud endereçou a Fliess nos primórdios da psicanálise. Nelas, Freud afirmava, com base no que havia escutado de seus pacientes, nos próprios sonhos e na célebre tragédia grega *Édipo Rei*, a universalidade dos desejos edipianos, ou seja, a existência de impulsos incestuosos e parricidas como fenômenos universais.

Na primeira parte deste trabalho, percorre-se a elaboração do complexo de Édipo, desde as cartas de Freud a Fliess até 1924, ano em que o complexo de Édipo é sistematizado em um texto decisivo, intitulado *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Na segunda parte, abordam-se as descobertas feitas pelas crianças da diferença anatômica entre os sexos e também a forma como o complexo de Édipo se inicia e declina nos sexos masculino e feminino. Considerando esse percurso, o texto foi dividido em duas partes: “O caminho percorrido que levou Freud ao Complexo de Édipo” e “O Édipo nos meninas e nas meninas”. Para realizar

[1] Psicóloga, membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Endereço para correspondência: Av. Getúlio Vargas, 874/1604 - Savassi - Belo Horizonte/MG. CEP 30.112-021. Telefone: (31) 99921-1305. E-mail: anacarolinagontijo.acg@gmail.com

esse trajeto e os objetivos deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Freud, 1924/1996).

Por fim, cabe lembrar que, no último ano de sua vida, o próprio Freud escreveu que a importância do complexo de Édipo não concernia apenas à psicanálise, mas à humanidade como um todo: “se a Psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito a ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade” (Freud, 1938/1996, p. 206).

Desenvolvimento

O caminho percorrido por Freud no Complexo de Édipo

Em *A etiologia da histeria* (1896), Freud desenvolve as primeiras teorias sobre a causa da histeria: “exponho... a tese de que, na base de todos os casos de histeria, há uma ou mais ocorrências de experiência sexual prematura, ocorrências estas que pertencem aos primeiros anos da infância” (Freud, 1896/1996, p. 200). A princípio, ele afirma que uma experiência sexual real, vivida pela criança de modo traumático, desenvolveria, na puberdade, sintomas histéricos, ou seja, “as experiências sexuais infantis constituem a precondição fundamental da histeria, que são, por assim dizer, a predisposição para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos” (p. 207). As experiências sexuais nos primeiros anos de vida “consistem na estimulação dos órgãos genitais, em atos semelhantes ao coito, e assim por diante, devem ser considerados, como os traumas que levam a uma reação histérica nos eventos da puberdade” (p. 203). Portanto, algo que aconteceu na infância só teria consequência na puberdade, logo, não seria imediato, “permanecendo inicialmente sem efeito e só exercendo uma ação patogênica depois, ao serem despertadas, após a puberdade, sob a forma de lembranças inconscientes” (p. 207).

Porém, em 1897, um ano após publicar seus estudos sobre a histeria, Freud escreveu ao seu amigo Fliess: “confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1897a/1996, p. 309). Os primeiros sinais de construção do complexo de Édipo aparecem nas explicações de Freud a Fliess, na *Carta 69* (1897), quando ele enumera seus motivos de descrença quanto à sua neurótica. O primeiro motivo que levou Freud a reformular sua teoria foi a falta de sucesso de suas análises, “a debandada das pessoas que, durante algum tempo, eu parecia estar compreendendo com muita segurança, a ausência dos êxitos completos com que eu havia contado, a possibilidade de explicar os êxitos parciais de outras maneiras” (p. 310). O segundo

motivo tem a ver com sua “surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como pervertido” (p. 310), pois, segundo sua teoria, a criança vivenciou uma experiência sexual cujo pai foi protagonista, e ele não acreditava que seria possível haver “uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças” (p. 310). Um terceiro motivo de descrença está relacionado ao inconsciente, pois, neste, “não há indicações de realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (p. 310), ou seja, as cenas de sedução relatadas por suas pacientes, cujos pais as seduziram, poderiam ser ficção; porém, “permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema” (p. 310).

Freud diz ter acreditado inicialmente nas histórias de seus pacientes, nas quais eram sexualmente seduzidos por algum adulto e, no caso de pacientes do sexo feminino, o papel do sedutor era quase sempre atribuído ao pai. Porém, ele foi obrigado a reconhecer que essas cenas não tinham acontecido e, então, passou a relacionar os sintomas neuróticos com “fantasias impregnadas de desejos” (Freud, 1925a/1996, p. 40), uma vez que “a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material” (p. 40). Essa mudança de perspectiva tem efeitos sobre o lugar que o complexo de Édipo passa a ter na clínica freudiana: “Eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no complexo de Édipo, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia” (p. 40).

Enquanto Freud investigava sobre a origem das neuroses em seus pacientes, ele também examinava sua própria vida, interpretando seus sonhos: “nos últimos quatro dias, minha auto-análise, que considero indispensável para esclarecer todo o problema, tem prosseguido nos sonhos” (Freud, 1897b/1996, p. 312). Uma de suas lembranças foi de uma viagem que fez com sua mãe por volta dos dois anos de idade, na qual eles dormiram na mesma cama e ele deve “ter tido a oportunidade de vê-la *nudam*” (p. 312). A partir dessa lembrança, afirma que sua libido em relação à mãe foi despertada nessa fase: “minha libido foi despertada para a *matrem*, isto é, por ocasião de uma viagem com ela de Leipzig a Viena, durante a qual devemos ter passado a noite juntos” (p. 312).

Mas foi em 15 de outubro de 1897, na *Carta 71*, que Freud mencionou pela primeira vez a hipótese universal de desejosos incestuosos:

> Não é nada fácil. Ser completamente honesto consigo mesmo é uma boa norma. Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal de início na infância (Freud, 1897c/1996, p. 316).

É nessa mesma ocasião que Freud apresenta suas primeiras ideias sobre o que seria o complexo de Édipo, fazendo referência ao que se passa na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles:

> Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex*, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino [...]. Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa na plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade (Freud, 1897c/1996, p. 316).

Em um de seus trabalhos mais conhecidos, *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud dedica uma parte aos *Sonhos sobre a morte de pessoas queridas*, cujo sonhador "imagina a morte de um ente querido e fica, ao mesmo tempo, dolorosamente afetado" (Freud, 1900/1996, p. 276). Esse tipo de imaginação permite a Freud concluir que o sentido desses sonhos é o de realizar "um desejo de que a pessoa em questão venha a morrer" (p. 276). Porém, ele esclarece que esse desejo não precisa ser atual: podem "também ser desejos do passado, que foram abandonados, recobertos por outros e recalcados" (p. 276). Nesse viés, conclui o seguinte:

> Eu jamais usaria esse sonho como prova de que ele deseja a morte dessa pessoa no presente. A teoria dos sonhos não exige tanto assim; ela se satisfaz com a inferência de que essa morte foi desejada numa outra ocasião durante a infância do sonhador (Freud, 1900/1996, p. 277).

Em relação aos sonhos de morte dos pais, Freud é bem claro ao explicar "sem rodeios, é como se uma preferência sexual se fizesse sentir numa terna idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de trazer-lhes vantagens" (Freud, 1900/1996, p. 283). A morte do pai ou da mãe é desejada pela criança pelo fato de ela ter aprendido "uma coisa com a experiência – a saber, que as pessoas mortas, como o vovô, estão sempre ausentes e nunca mais voltam" (p. 285). Então, se o pai ou a mãe não voltam mais, a criança fantasia que pode ocupar o lugar daquele que está ausente. Nesse mesmo texto, Freud propõe a importância do complexo de Édipo no destino da criança: "apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior" (p. 287).

Através do clássico *Oedipus Rex*, de Sófocles, Freud explica o motivo pelo qual a plateia se comove com o destino de Édipo, pois este "poderia ter sido o nosso" (Freud,

1900/1996, p. 289), ou seja, desejar o progenitor do sexo oposto e odiar aquele do mesmo sexo. Por isso, “é destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai” (p. 289). Freud esclarece, que diferente de Édipo e com mais sorte que ele,

> Conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nosso impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais. [...] recuamos com toda a força do recalcamento pelo qual esses desejos, desde aquela época foram contidos dentro de nós (Freud, 1900/1996, p. 289).

Segundo Freud, a criança diante do desejo incestuoso e “repugnante à moral, que nos foram impostos pela Natureza” (Freud, 1900/1996, p. 290), tenta viver na ignorância do mesmo e “é bem possível que todos busquem fechar os olhos às cenas de nossa infância” (p. 290), como fez Édipo de Sófocles. Nessa passagem, Freud compara o ato de Édipo, ao se cegar, com a atitude dos neuróticos em tentar recalcar seus desejos incestuosos e hostis infantis.

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) introduz novas referências que serão importantes para a base da teorização do complexo de Édipo, como, por exemplo, a pulsão sexual e a amnésia infantil. Freud começa o segundo ensaio *A sexualidade infantil*, dizendo o seguinte: “nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância” (Freud, 1905/1996, p. 163) e, por isso “faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade” (p. 163). Freud esclarece que não dar atenção aos primeiros anos de vida é um grande erro, “um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual” (p. 163).

Outro aspecto que complica a investigação da sexualidade infantil é um “fenômeno psíquico que até agora escapou a qualquer explicação” (Freud, 1905/1996, p. 164) e que se refere “à singular amnésia que, na maioria das pessoas (mas não em todas!), encobre os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade” (p. 164). Mas, segundo Freud, essas lembranças e impressões esquecidas nos deixaram “os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (p. 165).

Para Freud, entender quais são as forças que efetuam esse recalcamento das lembranças infantis o levaria à resposta do enigma da amnésia histérica, que era sua prioridade de estudo naquela época, mas também constituiria um caminho para a compreensão do complexo de Édipo.

Na *Conferência XXI* (1917), denominada *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud dedica uma parte do que ele chama de "esse terrível complexo de Édipo" (Freud, 1917/1996, p. 334):

> Todos os senhores conhecem a lenda grega do rei Édipo, fadado pelo destino a matar o pai e a desposar sua mãe, que fez todo o possível para escapar à decisão do oráculo e puniu-se a si próprio cegando-se, ao saber que, apesar de tudo, havia, sem querer, cometido ambos os crimes (p. 334).

O que havia sido escrito em 1897 ao amigo Fliess, por meio de cartas pessoais, em caráter privado, Freud retoma na *Conferência XXI* (1917), ao afirmar que cada espectador reconhece em si os desejos de Édipo, desejos esses que estão recalcados, mas, diante da lenda grega, "reage como se, por auto-análise, tivesse reconhecido o complexo de Édipo em si próprio. [...] É como se fosse obrigado a recordar os desejos – eliminar o pai e, em lugar deste, desposar a mãe" (Freud, 1917/1996, p. 335). Sendo assim, por meio da lenda grega, Freud afirma que a primeira escolha objetal infantil é incestuosa "e necessita das mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize" (p. 338). Pois, caso existissem barreiras naturais seguras que impedissem os desejos infantis incestuosos, não seriam necessárias leis ou costumes tão severos contra os mesmos.

Essa primeira escolha objetal já é um indicativo da escolha que será feita na puberdade, pois, nessa época, "quando os instintos sexuais, pela primeira vez, fazem as exigências com toda a sua força, os velhos objetos incestuosos familiares são retomados" (Freud, 1917/1996, p. 340). Porém, o filho precisa "desligar seus desejos libidinais de sua mãe e empregá-los na escolha de um objeto amoroso real externo" (p. 340), para deixar de ser criança e fazer parte da comunidade social. Isto deveria ser algo enfrentado como uma tarefa a ser realizada por todo indivíduo humano, "isto é, de maneira tal que seja correta, tanto psicológica como socialmente" (p. 340). Porém, algumas pessoas não serão capazes de realizá-la e permanecerão "por toda a vida subjugado à autoridade do pai e é incapaz de transferir sua libido a um objeto sexual externo" (p. 340).

O Édipo nos meninos e nas meninas

No texto de 1923, *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*, Freud escreve sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil. Nessa fase, a criança demonstra grande interesse por seu órgão genital, e isso "adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade". Ou seja, "a aproximação da vida sexual da

criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto". Um aspecto importante da organização genital infantil consiste no fato de ambos os sexos levarem em consideração a existência de somente um órgão genital, o masculino. Então, Freud ressalta que "o que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*" (Freud, 1923/1996, p. 158).

Nessa época, Freud ainda não explora as especificidades dos caminhos a serem percorridos pela menina: "infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos" (Freud, 1923/1996, p. 158). Porém, em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud aborda o percurso a ser percorrido por ambos os sexos (Freud, 1924/1996).

No caso dos meninos, supõe-se que "todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio; sabemos, é verdade, que ele procura um órgão análogo ao seu também nas coisas inanimadas" (Freud, 1923/1996, p. 158). Freud denomina curiosidade sexual o interesse do menino por seu pênis, que é "facilmente excitável, inclinado a mudanças e tão rico em sensações" (p. 158), bem como o interesse em ver essa parte do corpo em outras pessoas. Ao explicar o significado da curiosidade sexual nas crianças, Freud é bem enfático ao esclarecer a diferença entre a vida sexual da criança e a do adulto:

> [...] não devemos desprezar o fato de que, nessa época, a masturbação de modo algum represente a totalidade de sua vida sexual. Como pode ser claramente demonstrado, ela está na atitude edipiana, para com os pais; sua masturbação constitui apenas uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo, e, durante todos os seus anos posteriores, deverá sua importância a esse relacionamento (Freud, 1924/1996, p. 195).

Desde o momento em que o menino demonstra interesse por seu pênis, período corresponde à organização genital fálica, e começa a manuseá-lo na frente de adultos, estes tentam impor-lhes limites. No entanto, "mais ou menos diretamente, mais ou menos brutalmente, pronunciam uma ameaça de que essa parte dele, que tão altamente valoriza, lhe será tirada" (Freud, 1924/1996, p. 194). A princípio, essa ameaça não é levada a sério de imediato, pois o menino não acredita nela nem lhe obedece.

Quando o menino vê pela primeira vez o órgão genital de uma menina, "a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham" (Freud, 1923/1996, p. 159). A primeira reação dos meninos diante da descoberta da ausência do pênis em outras pessoas é rejeitar esse fato. Isto é, a criança, convicta de sua

verdade, não consegue acreditar no que vê, rejeita a circunstância e afirma para si que o pênis ainda é pequeno e vai crescer.

Mais cedo ou mais tarde, a observação dos órgãos genitais femininos leva o garoto a imaginar que as ameaças de castração recebidas pelos adultos, quando manipulava seu pênis, são verdadeiras. O menino ainda não reconhece a anatomia genital feminina, uma vez que "acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais" (Freud, 1923/1996, p. 160); desse modo, "as mulheres a quem ele respeita, como sua mãe, retêm o pênis" (p. 160). Aos poucos, a criança percebe e conclui que "o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria" (p. 159). Isso desperta no garoto "uma terrível tormenta de emoções e o força a acreditar na realidade da ameaça de que havia rido até então" (p. 281).

Freud interpreta que o menino tem duas possibilidades de satisfação no complexo de Édipo: uma ativa e outra passiva. Na primeira, à maneira masculina, o garoto poderia colocar-se no lugar de seu pai e ter relações com a mãe, como tinha seu pai. Nesse caso, o pai seria considerado um estorvo, ou seja, um problema, um obstáculo a ser eliminado na relação triangular do desejo edípico. Na segunda possibilidade, a passiva ou à maneira feminina, o menino "poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua" (Freud, 1924/1996, p. 196). Mas, como o garoto já tem conhecimento da ausência do pênis nas mulheres, isto é, de que elas são castradas, essas duas possibilidades de satisfação são descartadas, pois "ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como precondição" (p. 196). Se, para o menino, ter alguma satisfação no complexo de Édipo lhe custaria a perda de seu pênis, "está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais" (p. 196). Nesse conflito, segundo Freud, é a primeira dessas forças – o interesse narcísico no próprio corpo – que triunfa: o menino opta pelo próprio pênis, e "a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração" (p. 197).

Para Freud, o complexo de Édipo nos meninos é mais que reprimido: "é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas" (Freud, 1925b/1996, p. 285). Ou seja, ao perceber que pode perder seu órgão genital, tão valioso, o menino fica em choque e abandona seus desejos incestuosos. Freud chega mesmo a dizer que, "em casos normais, ou melhor em casos ideais, [o] complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente" (p. 285).

O percurso realizado no complexo de Édipo, pelas crianças do sexo feminino, é “muito mais obscuro e cheio de lacunas” (Freud, 1924/1996, p. 197). Porém, Freud assume que em sua experiência, que esse complexo nas meninas é mais simples, pois “raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai” (p. 198).

Enquanto a menina não vê um pênis, seu clitóris tem a função equivalente à daquele. Porém, a partir do momento em que ela observa o órgão genital do seu “companheiro de brincadeira do outro sexo, percebe que se saiu mal e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade” (Freud, 1924/1996, p. 197). Assim como fazem os meninos, as meninas também constroem suas teorias após se depararem com os genitais do sexo oposto e, durante algum tempo, a menina “consola-se com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino” (p. 198). Contudo, suas expectativas não se realizam, e a menina cria a teoria que já teve um pênis, em algum período anterior, mas foi castrada e o perdeu. Por isso, Freud diz: “dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (p. 198).

A distinção anatômica entre os órgãos genitais feminino e masculino tem fundamental importância para as consequências da ameaça de castração em ambos os sexos, uma vez que a “distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada” (Freud, 1925b/1996, p. 285). Por isso, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo medo da castração, mas, nas meninas, “ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p. 285).

Afinal, quando a menina descobre que não possui um pênis, mas o deseja, “ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente” (Freud, 1924/1996, p. 198). Em outros termos, a menina espera que seu pai lhe dê um filho. Por meio dessa equação simbólica, a menina é introduzida no complexo de Édipo e suporta a ausência do pênis na expectativa de ter um filho. Assim, “os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior” (p. 198). Com o desejo de ter um filho, a menina toma o pai como objeto de amor e a mãe se torna o objeto de ciúme, e a triangulação edipiana da menina está formada.

Visto que o temor à castração leva o menino a abandonar seus desejos incestuosos, para manter seu órgão genital, a menina aceita a castração como um fato consumado, e, à partir disso, entra no complexo de Édipo. Surge, então, uma questão: o que a levaria abandonar seus desejos e a sair do complexo? A resposta de Freud é de que "nela, muito mais que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor" (Freud, 1924/1996, p. 198). Portanto, Freud afirma que:

> Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres (Freud, 1925b/1996, p. 286)

Considerações finais

Antes do início do complexo de Édipo no menino, este "mostrará interesse pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo" (Freud, 1921/1996, p. 115), ou seja, o menino tem o pai como modelo. Quando ingressa no complexo de Édipo e desenvolve "uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe" (p. 115), o garoto percebe que seu pai está em seu caminho. Então, "sua identificação com ele assume um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe" (p. 115). Contudo, no momento em que descobre a ausência do pênis em algumas pessoas, as ameaças de perder o próprio pênis tornam-se reais, e o garoto passa a recear a castração. Sua angústia de castração o leva a decidir preservar seu órgão genital, e "as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações" (Freud, 1924/1996, p. 196). As fantasias e os desejos incestuosos típicos do complexo são parcialmente dessexualizados e sublimados. Por um lado, o menino consegue preservar seu pênis e "afastar o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o - removeu sua função" (p. 196). Inicia-se, então, o período de latência que, naquele momento, "interrompe o desenvolvimento sexual da criança" (p. 196). Portanto, ao optar pelo interesse narcísico em manter seu órgão genital, este perde sua função no período de latência.

Com respeito à menina, Freud sustenta que ela "não tem necessidade de recear a perda do pênis", mas vai reagir "ao fato de não ter recebido um" (Freud, 1938/1996, p. 206). Ao contrário dos meninos, as meninas não sentem a angústia de castração, mas sentem inveja, sendo que "todo o seu desenvolvimento se realiza à sombra da inveja do pênis" (p. 206). A inveja do pênis faz com que a filha se distancie da mãe, pois não consegue perdoá-la por tê-la

"trazido ao mundo tão insuficiente aparelhada" (p. 206). No lugar deixado vazio pela mãe, a menina coloca "como objeto de seu amor – o pai" (p. 206). Segundo Freud, quando se perde um objeto amoroso, "a reação mais óbvia é identificar-se com ele, substituí-lo dentro de si própria, por assim dizer, mediante a identificação" (p. 206). Ou seja, acontece uma identificação com a mãe, e a filha põe-se em seu lugar, como já tinha o costume de fazer em suas brincadeiras. A partir daí, a menina inicia seu complexo, tentando tomar o lugar de sua mãe junto ao pai, e "começa a odiar a mãe que costumava amar, e isso por dois motivos: por ciúme e por mortificação pelo pênis que lhe foi negado" (p. 207).

A partir do que foi trabalhado neste artigo, foi possível observar o percurso percorrido pela criança, desde o início do seu desenvolvimento sexual, passando pelo complexo de Édipo, até a entrada no período de latência. O que procuramos apresentar aqui foram algumas possibilidades de a criança ingressar no complexo de Édipo e algumas formas pelas quais ocorre a dissolução, considerando-se o caráter determinante e a importancia desse complexo. Sabemos, contudo, que o complexo do Édipo, bem como seus impactos, exige outras referências além daquelas de que nos servimos neste estudo. Há ainda aspectos que poderão ser explorados em textos futuros.

Nosso percurso, entretanto, valeu-se algumas das primeiras referências de Freud para elucidar o início da construção do conceito edipiano, que, mais tarde, foi ampliado por diversos outros autores. Assim, nossa estratégia consistiu em esclarecer o que se passa na base da teorização do complexo de Édipo, para que, em outro momento, possamos estar mais aptos a considerar outros aspectos que por enquanto são inassimiláveis.

Referências

Freud, S. (1996). A etiologia da histeria. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 189-215). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1996). Carta 69. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 309-311). Imago. (Trabalho original publicado em 1897a).

Freud, S. (1996). Carta 70. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 311-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1897b).

Freud, S. (1996). Carta 71. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 314-317). Imago. (Trabalho original publicado em 1897c).

Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: Freud,S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 4, pp. 276-294). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 163-189). Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 16, pp. 325-342). Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1996). Identificação. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 115-120). Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (1996). A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 157-161). Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 193-198). Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 35-44). Imago. (Trabalho original publicado em 1925a).

Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 277-286). Imago. (Trabalho original publicado em 1925b).

Freud, S. (1996). Um exemplo de trabalho psicanalítico. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 197-207). Imago. (Trabalho original publicado em 1938).